

Fecha de recepción: 19-abril-2021

Fecha de aceptación: 14-junio-2022

# PLANTAS UTILIZADAS POR BENZEDORES EM QUILOMBOS DO MARANHÃO, BRASIL

Thauana Oliveira Rabelo<sup>1\*</sup>, Raimundo Inácio Souza Araújo<sup>2</sup>, Eduardo Bezerra de Almeida Jr.<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Programa de Pós-graduação em Biodiversidade e Conservação (PPGBC), Laboratório de Estudos Botânicos (LEB), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, Maranhão, Brasil.

<sup>2</sup>Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Colégio Universitário (COLUN-UFMA), São Luís, Maranhão, Brasil.

\*Correo: thauana.rabelo@gmail.com

## RESUMO

Registrar o conhecimento de especialistas locais é de grande importância para a manutenção da sociobiodiversidade. Diante disso, o objetivo do estudo foi identificar as espécies vegetais de uso litúrgico e medicinal, sistematizando as indicações, formas de uso e partes utilizadas, associando ao perfil socioeconômico dos benzedores. A coleta de dados foi realizada no município de Anajatuba, Maranhão, Nordeste do Brasil, a partir de entrevistas semiestruturadas com 13 benzedores, além de turnê guiada e coleta de material botânico. Todo o material coletado foi identificado e incorporado ao acervo do Herbário MAR. Foram registradas 52 espécies, 48 gêneros e 31 famílias. As famílias mais representativas foram Lamiaceae (7 spp.) e Asteraceae (5 spp.). As espécies mais citadas foram pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia* L.), vassourinha (*Scoparia dulcis* L.), alfavaquinha (*Ocimum basilicum* L.) e erva cidreira (*Melissa officinalis* L.), sendo as duas primeiras para benzimentos e as outras duas medicinais. A planta mais utilizada é nativa, mas se percebeu um número considerável de exóticas e algumas espécies ornamentais incomuns às práticas de benzimento. A maioria das espécies foi obtida no quintal ou terrenos próximos, e algumas sementes e frutas foram compradas na feira livre da cidade. Ficou evidente um número maior de benzedores do sexo masculino, o que pode ter relação com a cultura e herança religiosa do local. O perfil dos benzedores consultados corrobora o padrão encontrado na literatura, apresentando idade entre 30 a 90 anos, sendo 69.02% analfabetos, 84.06% católicos, e 61.05% citam a lavoura como principal fonte de renda. Cerca de 92.3% possui filhos, mas relata um enfraquecimento da cultura entre as novas gerações. Os dados apresentados reforçam a importância em promover novos estudos na área e incentivar políticas públicas que atuem na conservação e valorização desses saberes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conservação, etnoconhecimento, plantas mágico-religiosas.

## PLANTS USED BY BENZEDORES IN QUILOMBOS OF MARANHÃO STATE, BRAZIL

## ABSTRACT

Recording the knowledge of local experts is of great importance for the maintenance of sociobiodiversity. Therefore, the objective of the study was to identify the plant species of liturgical and medicinal use, systematizing the indications, forms of use and parts used, associating the socioeconomic profile of the healers. Data collection was

carried out in Anajatuba municipality, Maranhão state, Northeast Brazil, based on semi-structured interviews with 13 healers, in addition to a guided tour and collection of botanical material. All the collected material was identified and taken to incorporate into the collection of Herbário MAR. We identified 52 species, 48 genera and 31 families. The most representative families were Lamiaceae (7 spp.) and Asteraceae (5 spp.). The most cited species were “pinhão roxo” (*Jatropha gossypifolia* L.), “vassourinha” (*Scoparia dulcis* L.), “alfavaquinha” (*Ocimum basilicum* L.) and “erva cidreira” (*Melissa officinalis* L.). The “pinhão roxo” and “vassourinha” for use in blessings, and “alfavaquinha” and “erva cidreira” for medicinal use. The most used plant is native, but a considerable number of exotic and some unusual ornamental species were noticed in blessing practices. Most of the species were obtained in the backyard or nearby land, and some seeds and fruits were purchased at the city’s open market. A greater number of male healers was evident, which may be related to the culture and religious heritage of the place. The profile of the healers consulted corroborates the pattern found in the literature, with ages ranging from 30 to 90 years, 69.02% are illiterate, 84.06% are Catholic, and 61.05% cite agriculture as their main source of income. About 92.3% have children, but report the weakening of the blessing culture among the new generations. The data presented reinforce the importance of promoting new studies in the area and encouraging public policies that act in the conservation and valorization of this knowledge.

**KEYWORDS:** conservation, ethno-knowledge, magical-religious plants.

## INTRODUÇÃO

Os sistemas de saúde tradicionais são responsáveis por práticas, conhecimentos e habilidades que auxiliam na saúde, prevenção, diagnóstico e tratamento de doenças físicas e espirituais dentro das comunidades tradicionais (WHO, 2010). Sendo assim, o conceito de saúde extrapola os elementos físicos e considera tudo que altere o equilíbrio dos indivíduos, como os próprios fatores mágico-religiosos (Sousa, 2013).

Considerando o imaginário, temos as doenças de ordem física, que são males que atingem o corpo físico e doenças de ordem mágica ou espiritual, como serão tratadas neste trabalho, e que são doenças que atingem a capacidade mental e a energia espiritual dos indivíduos. Nos estudos da medicina tradicional ou popular a relação com os membros das comunidades tradicionais e as plantas mágico-religiosas são pouco abordadas quando se compara a totalidade de estudos etnobotânicos e a diversidade cultural brasileira (Oliveira *et al.*, 2009a).

As plantas desempenham um forte papel na cosmovisão destas comunidades, influenciando a forma de vida destas pessoas e a qualidade de seus relacionamentos com os recursos vegetais (Camargo, 1997; Camargo,

2014). Estas práticas estão relacionadas a comunidades menores ou tradicionais, com destaque para os quilombolas, que são grupos étnico-raciais com ancestralidade africana e que possuem conhecimento sobre os territórios e recursos naturais (Vásquez *et al.*, 2014).

Neste cenário se destacam especialistas locais, como os benzedores, responsáveis pela escolha e manipulação das espécies de plantas utilizadas nos tratamentos de enfermidades físicas e espirituais (Custódio *et al.*, 2019). Os benzedores podem ser homens e mulheres, e apresentam em suas práticas uma simbologia própria, com rezas e santos, típica do catolicismo popular (Santos, 2009) e aliam a isso o uso de espécies da flora local.

Este conjunto de saberes intrínsecos ao benzimento é repassado pela oralidade e se mantém, na maioria das vezes, nas famílias dos benzedores. Essas famílias tem passado por repressões devido ao avanço da medicina oficial e o preconceito religioso associado, o que resulta na baixa aceitação e pouco protagonismo dos membros mais jovens das comunidades no benzimento (Perna e Lamano-Ferreira, 2014; Sganzerla *et al.*, 2021).

A tentativa de suprimir esta prática religiosa fez com que sua presença se restringisse aos espaços mais afastados,

como pequenas cidades e povoados que em sua maioria são formados por comunidades tradicionais (Rocha, 2014). Nos últimos anos inúmeros esforços estão sendo empregados no Brasil para visibilizar a função desses agentes na cultura nacional, através de sua inclusão na luta por direito dos povos e comunidades tradicionais e da organização de movimentos, oficinas e socializações sobre as práticas e os diferentes recursos de benzeduras (Almeida, 2012).

O uso das espécies vegetais por benzedores pode variar conforme a herança cultural, a organização social e as demandas da comunidade (Almeida *et al.*, 2010; Mota *et al.*, 2021). No caso do Brasil, o grande fluxo cultural durante sua história influenciou o contexto florístico da região, integrando plantas sagradas típicas de ritos indígenas, como por exemplo, a jurema (*Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir.) e o dendê (*Elaeis guineensis* Jacq.), que são citadas por carregarem uma grande energia ou axé (Barros, 1993).

O repertório de plantas mágico-religiosas brasileiro apresenta uma grande pluralidade e tem crescido nos últimos anos. De acordo com as percepções de Coutinho *et al.* (2018), na região Nordeste, alguns trabalhos (Albuquerque e Andrade, 2002; Lucena *et al.*, 2007; Guerra *et al.*, 2012), retratam a relação de alguns grupos e comunidades tradicionais com plantas utilizadas nos benzimentos, em rezas e rituais de religiões afro-brasileiras. Além de destacaram espécies utilizadas no tratamento de doenças que afetam a energia e equilíbrio espiritual.

No caso do Estado do Maranhão, nordeste do Brasil, Ferretti (2011) indicou espécies utilizadas em rituais afro-brasileiro, para uso espiritual e para a saúde física. A maioria das pesquisas direcionadas a essa temática no Maranhão possui cunho antropológico, e não descrevem a identificação biológica dessas plantas nem o reconhecimento da flora da região (Araujo, 1990; Ferretti, 2008; Rego, 2009).

Considerando o Maranhão como um Estado rico em aspectos culturais e biológicos; e diante da necessidade de contribuir com análises devido à falta de trabalhos

direcionados sobre esse tema, o presente estudo buscou conhecer as principais espécies e plantas utilizadas por benzedores no município de Anajatuba, Maranhão. Em que foram realizadas análises das indicações, as formas de uso, as partes mais utilizadas, a forma de obtenção do conhecimento e a influência dos aspectos socioeconômicos dos entrevistados.

## MATERIAIS E MÉTODOS

**Área de estudo.** O estudo foi realizado no município de Anajatuba, localizado na microrregião da Baixada Maranhense no estado do Maranhão, Nordeste do Brasil (Figura 1). O município se distancia 393 Km da cidade de São Luís, capital do Estado; possui uma área de 1.117 km<sup>2</sup>, uma população de 25.294 habitantes e densidade demográfica de 22.64 habitantes/km<sup>2</sup> (IBGE, 2010).

Em relação à área de estudo, o município de Anajatuba está inserido na Área de Preservação Ambiental (APA) da Baixada Maranhense, e apresenta uma vegetação típica de áreas de transição entre Cerrado e Amazônia, com mata de cocais, matas de galerias, campos inundáveis com vegetação de manguezal. Também apresenta campos aluviais e planícies flúvio-marinhas, possuindo o maior número de bacias lacustres do Nordeste (Costa-Neto *et al.*, 2002; Santos-Filho *et al.*, 2013; Serra *et al.*, 2016).

A região tem como espécies características a castanheira (*Bertholletia excelsa* H.B.K.), a gameleira (*Clusia burchelli* Engl.), a embaúba (*Cecropia* spp.), o cedro (*Cedrella fissilis* Vella.) e o babaçu (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng) (Carvalho *et al.*, 2016).

**Aspectos Socioeconômicos.** O município de Anajatuba possui, atualmente, 20 comunidades listada na Fundação Cultural Palmares como remanescentes de quilombo e que fazem uso do benzimento como prática curativa. O número de comunidades quilombolas presentes na área se deve ao reconhecimento histórico de sua formação majoritariamente negra, com cerca de 16.704 habitantes pretos e pardos (72.26% da população negra), em contraste a 6.412 habitantes brancos e menos de 1% que se declaram amarelos e indígenas (Paiva, 2018).

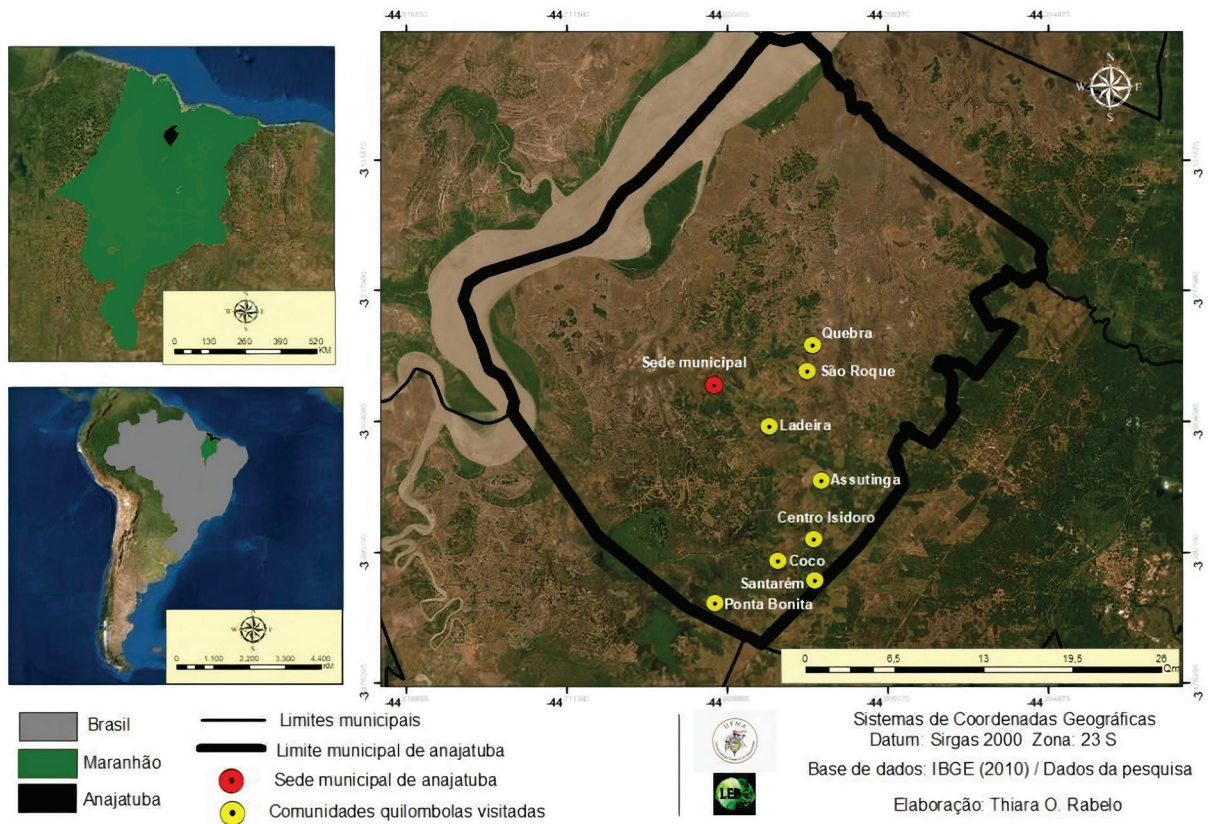
Anajatuba possui uma população que fala a língua portuguesa, que é um reflexo histórico da colonização portuguesa. No final do século XVII, a economia do município era majoritariamente agroexportadora. A falência deste modelo econômico e a crise decorrente da abolição levou essa área a involução, ao isolamento econômico e geográfico (Tribuzi, 1981). Isso contribuiu para que Anajatuba, assim como outras cidades da Baixada maranhense formassem um complexo cultural que sofreu modificações de forma lenta em relação a outras regiões do Brasil, apresentando crenças próprias e um folclore característico (Lopes, 1970). Estas crenças juntam o sagrado e o profano e se apresentam, principalmente, por meio das festas do catolicismo popular, como o tambor de crioula, tambor de mina, Terecô, Reggae e as Festas do Divino Espírito Santo e São Benedito.

Atualmente a economia do município está associada a pecuária, extração vegetal, agricultura tradicional, pelo setor privado e pelos trabalhos informais que são a base da economia. Segundo dados do IBGE (2010), cerca de

72.26% da população do município vive na zona rural da cidade, enquanto 27.74 %, vive na zona urbana.

A maior parte dos quilombos de Anajatuba estão localizados na zona rural e apresentam como principal atividade econômica a agricultura tradicional de subsistência, produzindo principalmente a mandioca e o arroz. Essas pequenas produções são mantidas em espaços próprios das famílias, em pequenas hortas compartilhadas, hortos ou nos quintais das residências. Estes espaços também são utilizados para manutenção de espécies vegetais que suprem necessidades medicinais e religiosas destas populações (observação dos autores).

**Seleção da comunidade e entrevistados.** A escolha da área de estudo ocorreu devido a um relacionamento já estabelecido entre os membros da liderança local (União de quilombos de Anajatuba - UNIQUITUBA) e nossa equipe, pesquisadores da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) que já trabalhavam na área. A pesquisa foi realizada com benzedores dos municípios



**Figura 1.** Localização do município de Anajatuba, com indicação das comunidades visitadas durante a pesquisa. Maranhão, Nordeste do Brasil.

de Anajatuba que utilizam plantas em suas práticas (três da zona urbana e 10 da zona rural), utilizado o método denominado *snowball* (bola de neve) (Bernard, 1995).

O primeiro contato com os entrevistados ocorreu em julho de 2019, em uma primeira visita de campo para reconhecimento de área. Nesta etapa, a pesquisa foi explicada e os benzedores foram consultados sobre o interesse e a disponibilidade em participar do estudo de forma voluntária. Posteriormente foram assinados os documentos de Termos de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) conforme a Resolução N° 466, de 12 de dezembro de 2012, Ministério da Saúde (Brasil, 2006), contidos no projeto registrado na Plataforma Brasil, sob o número do processo CAAE: 40588620.8.0000.5086.

**Coleta e organização de dados.** Após confirmada a participação dos benzedores foi feita uma entrevista com cada participante (treze ao total), utilizando formulários semiestruturados (Albuquerque *et al.*, 2008, 2010). O formulário foi composto por perguntas sobre o perfil socioeconômico do entrevistado e sobre as plantas mágico-religiosas e medicinais, através das seguintes perguntas: Como aprenderam sobre o benzimento? Possui filhos? Quantos? Pretendem passar para os filhos? Quais as plantas utilizam? Qual o nome popular da planta? Quais as partes vegetais utilizadas? Quais as formas e indicações de uso? Onde as plantas são encontradas? Existe alguma alteração cultural nessas práticas? entre outras. Além de perguntas sobre a frequência na procura por esses tratamentos e a atual disponibilidade das plantas no ambiente e como tiveram acesso a essas informações.

Além das informações sobre as espécies vegetais disponibilizadas nas entrevistas, foi feita a coleta do material botânico pela técnica de *turnê guiada* (Alexiades e Sheldon, 1996), onde o entrevistado sugere a trilha e acompanha o pesquisador na coleta das espécies. Foram coletadas amostras em estágio reprodutivo com flores e/ou frutos, encontradas nos quintais, terreiros e áreas circunvizinhas. As plantas coletadas foram fotografadas para auxiliar durante o processo de identificação botânica.

As plantas foram coletadas e herborizadas seguindo recomendações de Peixoto e Maia (2013). Em seguida foram identificadas no Laboratório de Estudos Botânicos (LEB) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) com auxílio de chaves analíticas, literatura especializada (Barbosa *et al.*, 2004; Souza e Lorenzi, 2005; Souza e Lorenzi, 2007; entre outras) e por meio de comparações de materiais já identificados no Herbário do Maranhão (MAR), do Departamento de Biologia, da UFMA (Almeida Jr., 2015). As exsicatas produzidas foram incorporadas as exsicatas no acervo do Herbário MAR.

A lista de espécies foi organizada de acordo com o APG IV (2016). As espécies identificadas foram categorizadas de acordo com sua origem para o Brasil, sendo elas: nativas, exóticas, exóticas cultivadas e exóticas naturalizadas. Essa categorização foi baseada no estudo de Moro *et al.* (2012) e no banco de dados da Flora e Funga do Brasil (2022).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

**Dados socioeconômicos.** Foram entrevistadas 13 (treze) benzedores, pertencentes à comunidade quilombola. Todos nascidos e residentes da cidade de Anajatuba, sendo quatro do sexo feminino e nove do sexo masculino. A presença majoritariamente masculina nestas práticas contradiz a maioria dos estudos realizados em outros estudos realizados no Brasil. Esses estudos indicam as mulheres como responsáveis pela função de cura em suas comunidades devido a responsabilidade com a saúde da família e a manutenção dos espaços da casa, como hortas e hortos (Maciel e Guarim-Neto, 2006; Oliveira *et al.*, 2009b).

Os marcadores de gênero de uma sociedade são construídos de acordo com a história política e cultural do grupo (Momsen, 2004). Estes marcadores podem variar, assim como as estratégias de divisão de trabalho, influenciando os recursos utilizados por um gênero dentro das comunidades. No caso de Anajatuba, de acordo com as análises e conversas realizadas com a comunidade ao longo desse estudo, a predominância masculina no benzimento estaria associada a história de



formação das religiões afro no Maranhão e ao diálogo entre as práticas de benzimento e a pajelança.

Ao tentar estabelecer um ponto de interseção e separação entre essas duas categorias, Matta *et al.* (1974) confirmaram a relação entre ambas ao afirmar que o próprio pajé se origina de um benzedor. Rituais realizados por pajés são muito comuns no Maranhão e exibem traços da herança indígena, com forte presença da figura masculina à frente dos ritos de cura. O que também pode ser um indicativo para a predominância de homens à frente do processo de benzimento.

Os salões de cura e pajelança, liderados pelos chamados “curadores”, destacam-se por causa do desempenho de práticas curativas diversas, associadas a um conceito amplo de saúde e bem estar, ou seja, são curas relacionadas não apenas ao corpo físico, mas também aos aspectos psicológicos e sociais do indivíduo, que englobam uma boa relação com a comunidade e com os espaços naturais (Mota, 2009). Por essa razão, neste cenário, atividades de cura e terapêutica, seriam socialmente aceitas também para os homens (Ferretti, 2000). Cabe ressaltar, contudo, que estes são apontamento iniciais, sendo necessários mais estudos de cunho antropológico direcionados a esta questão.

A faixa etária dos entrevistados englobou pessoas de 30 a 90 anos, distribuídas em duas categorias: (1) 30 - 60 anos e (2) superior a 60 anos (Tabela 1). A categoria mais representativa foi do segundo grupo, superior a 60 anos, com 61.5%. Além disso, o benzedor que apresentou maior repertório de planta medicinais correspondeu ao mais velho da comunidade, citando 23 espécies. Estes dados corroboram o que é apresentado na literatura, indicando que a prática de benzimentos e rezas são exercidas em sua maioria por pessoas com idade mais avançada, que são considerados praticantes e depositários dos saberes sobre plantas medicinais e do conhecimento cultural de suas comunidades (Hoffmann-Horochovski, 2012; Zank e Hanazaki, 2016).

Os benzedeiros consultados apresentaram um baixo nível de escolaridade, com 69.02% considerados analfabetos

e 30.08% alfabetizados. Essa taxa reflete os relatos sobre a necessidade de trabalhar, ainda jovens, para auxiliar no sustento de casa; o que pode inviabilizar a continuação dos estudos. Em relação à ocupação profissional, a minoria se autodeclara donas de casa, pintores e autônomos (7.7% cada), cerca de 61.05% citaram a lavoura como principal fonte de renda e 15.4% se declararam aposentados, mesmo tendo pequenas plantações. Estes resultados confirmam a forte presença das atividades agrícolas nas zonas rurais do Estado.

O benzimento não foi considerado trabalho, por ser entendido na região como uma prática de apoio a comunidade e por não ter remuneração. Estes serviços prestados garantem muita influência a estes benze-

**Tabela 1.** Características socioeconômicas dos benzedeiros entrevistados e residentes no município de Anajatuba, Maranhão, Brasil.

ASPECTOS SOCIAIS	NÚMERO DE ENTREVISTADOS	FREQUÊNCIA RELATIVA (%)
<b>Idade</b>		
30 a 60 anos	5	38.5%
> 60 anos	8	61.5%
<b>Filhos</b>		
Sim	12	92.3%
Não	1	7.7%
<b>Escolaridade (Alfabetizado)</b>		
Sim	4	30.8%
Não	9	69.2%
<b>Ocupação</b>		
Lavrador(a)	8	61.5%
Aposentado(a)	2	15.4%
Porteiro	1	7.7%
Pintor Civil	1	7.7%
Dona de Casa	1	7.7%
<b>Religião</b>		
Católica	11	84.6%
Matriz Africana	2	15.4%
<b>Tempo de benzimento</b>		
10 a 30 anos	2	15.4%
> 30 anos	11	84.6%
<b>Utiliza serviços de Saúde Pública</b>		
Sim	11	84.6%
Não	2	15.4%

dores, que atuam utilizando a medicina alternativa no atendimento às comunidades, sobretudo devido à importância dos repertórios culturais dos grupos afro-brasileiros que formaram esse território, para os quais a cura e a religiosidade estão intimamente relacionados. Cerca de 84,06% dos entrevistados afirmaram recorrer e indicar serviços de saúde pública em casos de enfermidades físicas graves, tendo em vista a presença de postos de saúde e hospitais acessíveis a população. Declararam ainda que a atividade de benzimento, típicos da medicina popular, ficariam voltadas a doenças de fundo espiritual ou psicológico, e no caso de doenças físicas, as rezas atuariam em paralelo aos tratamentos da medicina oficial.

Quando perguntados sobre a religião, 84% dos entrevistados se autodeclararam católicos. Este é um reflexo da sociedade da região, que mescla o profano e o sagrado (Passos, 2002). A presença dos elementos da fé se encontram nos rituais de benzimento, com as rezas específicas e os espaços de devoção aos santos nas casas dos benzedores.

As respostas não direcionam para um distanciamento em relação às práticas e saberes das comunidades negras, mas corroboram com o histórico de formação da sociedade brasileira. Contribuindo para uma aproximação simbólica e simbiótica entre culturas africanas e afro-brasileiras e o cristianismo católico (Abreu e Vainfas, 2001; Reis, 2008).

O conhecimento sobre os benzimentos e sua origem podem diferir de acordo com o indivíduo. A maioria dos benzedores afirma ter recebido o dom desde o seu nascimento. Entretanto, foi relatado que em alguns casos são ensinados pelos mais velhos, geralmente os pais, a partir da escuta e da observação dos gestos; sendo denominada transmissão vertical de conhecimento, muito comum nas comunidades tradicionais (Soldati *et al.*, 2015).

A maioria dos entrevistados possuem mais de 30 anos inseridos no benzimento. O mais novo exerce as atividades de benzimento desde os 20 anos. O longo

tempo em exercício é justificado pela vontade dos mais velhos em continuar, e também pelo desinteresse dos jovens em iniciar as práticas de benzimento. Apesar de 92% possuírem filhos, poucos relataram, durante as entrevistas, sobre a iniciação dos jovens. Um dos motivos seria a mudança no estilo de vida das comunidades, a influência da internet, a facilidade em acessar o sistema de saúde convencional e, principalmente, o desinteresse devido ao preconceito que envolvem essas práticas (Albuquerque *et al.*, 2007).

Esse viés fica nítido na fala de um dos benzedores mais jovens: *“Eu fiquei querendo fugir no começo, meus parentes da cidade me levaram para morar lá e eu ia nos cultos evangélicos, não queria assumir essas coisas não e nem gosto muito de falar, porque tem gente que não entende o benzimento”* (Benzedor, 39 anos). Estas mudanças têm afetado a forma de transmissão. Alguns benzedores afirmam começar a passar para amigos e outras pessoas da comunidade (transmissão horizontal), no intuito de fortalecer e perpetuar a cultura local. Apesar disso, de acordo com os entrevistados, o repertório de espécies utilizadas no benzimento tem diminuído em virtude do esquecimento que acomete os mais velhos e também a demora em repassar esse conhecimento aos mais jovens; diminuindo assim as informações sobre as práticas curativas (Baldauf *et al.*, 2009; Córdula, 2018).

**Levantamento etnobotânico das plantas.** Foram identificadas 52 espécies, distribuídas em 48 gêneros e 31 famílias (Tabela 2). É importante ressaltar que os benzedores conhecem um número muito superior de plantas para tratamento de animais feridos e pragas em plantações, mas neste estudo foram levantadas apenas as plantas indicadas nos benzimentos para tratar males físicos e espirituais que acometem humanos. As famílias botânicas mais expressivas quanto ao número de espécies foram Lamiaceae (com 7 espécies), Asteraceae (com 5 espécies), Amarantaceae (4 espécies) e Euphorbiaceae (3 espécies). Isso pode ser justificado pela riqueza dessas famílias no Brasil e por possuírem grande importância terapêutica (Pinto *et al.*, 2006; Flor e Barbosa, 2015; Alencar *et al.*, 2019).

As espécies mais citadas pelos benzedores foram o pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia* L.), correspondendo a 100 %, vassourinha (*Scoparia dulcis* L.) com 85%, manjerição ou alfavaquinha (*Ocimum basilicum* L.), com 31% e erva cidreira (*Melissa officinalis* L.), com 23% do total de citações. Sendo as duas primeiras espécies indicadas para tratar problemas de ordem espiritual e as outras duas para tratar problemas físicos.

**Plantas indicadas para tratar a saúde física.** Entre as plantas citadas pelos benzedores, o manjerição da folha largar ou alfavaquinha é uma erva ou subarbusto aromático, usada tradicionalmente no tratamento de doenças físicas, como tosse, diarreia, febre, gripe e disfunções renais (Cunha et al., 2015). Alguns estudos trazem o caráter litúrgico e a ligação dessas plantas a rituais, servindo para tratar doenças espirituais e para o equilíbrio energético através do banho (Pagnocca, 2017).

Erva cidreira é uma planta herbácea e destaca-se na farmacopeia brasileira por sua importância fitoterapêutica (Sanguinetti, 1989). Suas folhas são utilizadas como relaxante para controle do sono e emoções, para tratamento de dor de cabeça, problemas digestivos e cólicas intestinais (Sadraei et al., 2003; Blank et al., 2005; Meira et al., 2013).

Nesta pesquisa, as plantas para fins medicinais apresentaram menor número de citações por especialista. Pois alguns benzedores não dominam práticas para cura física em humanos. O número inferior de plantas para enfermidades físicas pode ter relação com o gênero dos benzedores entrevistados; e os homens dominam benzimentos mais voltados a atividades produtivas, como curar animais, limpar ambientes e plantações (Gill, 2009).

Nesta comunidade, enfermidades físicas como dor de cabeça e alcoolismo, são curadas, algumas vezes, por meio de tratamentos ritualísticos, que contam com benzimentos específicos. Foram contabilizadas 45 espécies de plantas destinadas para tratar problemas de ordem física, sendo utilizadas através do uso tópico, oral ou de tratamentos espirituais.

Dentre as doenças de ordem física, as que mais se destacaram foram, cólicas intestinais (47%), gripe e problemas respiratórios (29%) e ansiedade ou agitação (29%). Para tratamento de cólicas e problemas intestinais, a planta mais indicada foi o coquinho (*Eleutherine bulbosa* (Mill.) Urb.), cujos bulbos são muito utilizados por suas propriedades analgésica periférica e anti-dematogênica, atuando no tratamento de doenças gastrointestinais (Oliveira-Neto et al., 2007).

A maioria das espécies indicadas para tratamento de gripe e inflamações na garganta pertence à família Lamiaceae, como o vick (*Mentha arvensis* L.), alfavaquinha (*Ocimum basilicum* L.), hortelanzinho (*Mentha piperita* L.), alfavação (*Ocimum gratissimum* L.) e hortelã da folha grossa (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng.). Estas espécies são amplamente citadas por possuírem compostos como flavonoides, alcaloides e taninos, conhecidos por suas propriedades antioxidantes (Mariutti e Bragagnolo, 2007).

Espécies como oriza (*Pogostemon heyneanus* Benth.) e capim limão (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf) foram bem comentadas para problemas de ansiedade e agitação. Na literatura, a oriza não apresenta estas indicações, mas o capim limão é considerado sedativo e ainda atua contra dores musculares, reumatismo, diarreias, gripes fortes, dores de cabeça e febre (Szczepanski, 2013).

**Plantas citadas para tratar doenças espirituais.** De acordo com Almeida et al. (2016), as plantas para tratar doenças físicas são escolhidas por suas propriedades farmacológicas, enquanto as plantas mágicas, com potencial de tratar doenças espirituais, tem a energia como um fator preponderante. Nesse sentido, os benzedores indicam as plantas jovens, ou folhas do “olho da planta”, por ter maior capacidade de absorver os males: “A planta tem que ser igual um inocente, pra poder funcionar o tratamento” (Benzedor, 80 anos). Esta preferência por folhas jovens também foi percebida por Coutinho et al. (2018) em seus trabalhos com rezadeiras da Paraíba, devido ao melhor desempenho deste tipo de folha.

Entretanto, mesmo que não seja atribuída a exclusividade a algumas espécies, percebe-se uma preferência por



**Tabela 2.** Levantamento etnobotânico das plantas utilizadas por benzedores no município de Anajatuba, Maranhão, Brasil. \*Espécies de plantas que apresentaram indicações com formas de usos diferentes. ^Espécies de plantas indicadas para tratar problemas físicos.

FAMÍLIA/ ESPÉCIE	NOME LOCAL	NÚMERO DE CITAÇÕES	INDICAÇÃO DE USO	FORMA DE USO	PARTE UTILIZADA	ORIGEM
<b>Amaranthaceae</b>						
<i>Alternanthera cf. brasiliana</i> (L.) Kuntze ^	Penicilina	1	Inflamação na garganta	Chá	Folha	Nativa
<i>Alternanthera tenella</i> Colla ^	Anador	1	Dor de cabeça	Chá	Folha	Nativa
<i>Celosia argentea</i> L. ^	Maravilha	1	Problemas no coração	Chá	Flor	Naturalizada
<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants ^	Mastruz	1	Fratura e Torção no osso	Sumo (suco)	Flor	Naturalizada
<b>Amaryllidaceae</b>						
<i>Agapanthus africanus</i> (L.) Hoffmanns.	Jardineira	2	Mau-olhado ou quebrante e Mufina	Banho Cheiroso	Folha	Cultivada
<b>Apiaceae</b>						
<i>Eryngium foetidum</i> L.* ^	Chicoria ou Quantapuio	1	Cólica Menstrual e Cólica intestinal	Chá	Folha	Nativa
			Tratar furúnculos	Sumo(suco)	Folha	
<i>Ferula assa-foetida</i> L. ^	Açafete	1	Inflamação no útero	Garrafada	Semente (resina)	Exótica
<b>Apocynaceae</b>						
<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G.Don	Margaridinha	1	Mau-olhado ou quebrante	Benzimento	Galho	Cultivada
<b>Araliaceae</b>						
<i>Polyscias fruticosa</i> (L.) Harms	Riscadinha	1	Mau-olhado ou quebrante	Benzimento	Folha	Cultivada
<b>Asparagaceae</b>						
<i>Sansevieria cylindrica</i> Bojer ex Hook. *^	Lança de São Jorge	1	Mau-olhado ou quebrante, Mufina, Arca Caída, Vento Virado, Dor de Madre, Izipela ou maldita	Benzimento	Folha	Cultivada
			Mau-olhado	Banho	Folha	
<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain*^	Espada de São Jorge	1	Mau-olhado ou quebrante, Mufina, Arca Caída, Vento Virado, Dor de Madre, Desmentido, Izipela ou maldita	Benzimento	Folha	Cultivada
			Mau-olhado e Encosto	Banho	Folha	
<b>Asteraceae</b>						
<i>Acmella oleracea</i> (L.) R.K.Jansen ^	Jambú	1	Gripe	Lambedor e fricção	Folha	Naturalizada
<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch.Bip. ex Walp. ^	Boldo da folha grossa	1	Problemas no fígado	Chá	Folha	Cultivada

Tabela 2. Cont.

FAMÍLIA/ ESPÉCIE	NOME LOCAL	NÚMERO DE CITAÇÕES	INDICAÇÃO DE USO	FORMA DE USO	PARTE UTILIZADA	ORIGEM
<i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera <sup>▲</sup>	Quitoco ou Pitoco	1	Cólica intestinal	Chá	Folha	Nativa
<i>Tagetes erecta</i> L. <sup>▲</sup>	Cravo de defunto	1	Dor nas articulações	Fricção	Folha e flor	Naturalizada
<i>Tithonia diversifolia</i> (Hemsl.) A.Gray <sup>▲</sup>	Estomazil	1	Dor de Estômago	Chá	Folha	Naturalizada
<b>Bignoniaceae</b>						
<i>Arrabidaea chica</i> (Bonpl.) Verl. <sup>▲</sup>	Ambracinto ou Pariri	1	Anemia e problemas nos rins	Chá	Folha e Flor	Nativa
<i>Mansoa alliacea</i> (Lam.) A.H.Gentry	Alho selvagem	1	Descarrego	Banho	Folha	Nativa
<b>Boraginaceae</b>						
<i>Heliotropium indicum</i> L. <sup>▲</sup>	Fendengoso ou Fedegoso	1	Pele machucada	Fricção (Macerado)	Folha	Nativa
<b>Cannaceae</b>						
<i>Canna indica</i> L. <sup>▲</sup>	Cana da Índia	1	Problemas nos rins	Chá	Folha e galho	Nativa
<b>Cleomaceae</b>						
<i>Tarenaya hassleriana</i> (Chodat) Iltis <sup>▲</sup>	Mussambê	1	Gripe e começo de Tuberculose	Garrafada	Raiz	Nativa
<b>Commelinaceae</b>						
<i>Tradescantia pallida</i> (Rose) D.R.Hunt <sup>▲</sup>	Gramma roxa	1	Cólica intestinal	Chá	Folha	Nativa
<b>Crassulaceae</b>						
<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers. <sup>▲</sup>	Santa Quitéria	1	Fastiado e Úlcera Gástrica	Chá	Folha	Cultivada
<b>Euphorbiaceae</b>						
<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) Rumph. ex A.Juss. <sup>▲</sup>	Bem-te-vi	1	Mau-olhado ou quebrante e dor de Cabeça	Benzimento	Folha	Cultivada
<i>Euphorbia tirucalli</i> L. <sup>▲</sup>	Pau pelado	1	Inflamação na Próstata	Garrafada	Látex da Folha	Cultivada
<i>Jatropha gossypifolia</i> L. <sup>▲</sup>	Pinhão roxo	13	Izipela ou maldita, dor de cabeça, mufina, mau-olhado ou quebrante, encosto, arca caída	Benzimento	Folha e semente	Nativa
<b>Garryaceae</b>						
<i>Aucuba japonica</i> Thunb.	Pingo de ouro	1	Mau-olhado ou quebrante	Benzimento	Folha	Exótica
<b>Iridaceae</b>						
<i>Eleutherine bulbosa</i> (Mill.) Urb. <sup>▲</sup>	Coquinho	2	Cólicas intestinais e disenteria	Chá	Raiz	Nativa
<b>Lamiaceae</b>						
<i>Melissa officinalis</i> L. <sup>▲</sup>	Era-cidreira	3	Calmante e cólica intestinal	Chá	Folha	Exótica

Tabela 2. Cont.

FAMÍLIA/ ESPÉCIE	NOME LOCAL	NÚMERO DE CITAÇÕES	INDICAÇÃO DE USO	FORMA DE USO	PARTE UTILIZADA	ORIGEM
<i>Mentha arvensis</i> L. ^	Vick	1	Gripe	Lambedor e fricção	Folha	Exótica
<i>Mentha piperita</i> L.* ^	Hortelãzinho	1	Cólica intestinal e menstrual	Chá	Folha	Exótica
<i>Ocimum basilicum</i> L.* ^	Alfavaquinha, Manjerição da folha larga	4	Gripe	Lambedor	Folha	Exótica
			Gripe	Lambedor e banho	Folha	
<i>Ocimum gratissimum</i> L. ^	Alfavacão	1	Mufina e gripe	Banho	Folha	Naturalizada
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng. *^	Hortelã da folha grossa	1	Gripe	Lambedor e sumo	Folha	Exótica
			Furúnculo	Sumo (suco concentrado)	Folha	
<i>Pogostemon heyneanus</i> Benth.	Oriza	2	Nervos e abalo	Chá	Folha	Exótica
<b>Lauraceae</b>						
<i>Licaria puchury-major</i> (Mart.) Kosterm. ^	Pixuri	1	Inflamação no útero e ovário	Garrafada	Semente	Nativa
<b>Lythraceae</b>						
<i>Punica granatum</i> L. ^	Romã	1	Inflamação bucal e na garganta	Gargarejo e mascar	Casca	Cultivada
<b>Malvaceae</b>						
<i>Hibiscus acetosella</i> Welw. ex Hiern ^	Vinagreira roxa	1	Colesterol alto	Chá	Folha	Exótica
<i>Gossypium hirsutum</i> L. ^	Algodão	1	Inflamação na pele e uterina	Garrafada	Folha	Exótica
<b>Moraceae</b>						
<i>Ficus pumila</i> L.	Herinha	1	Mau-olhado ou quebrante	Benzimento	Folha	Cultivada
<b>Myristicaceae</b>						
<i>Myristica fragrans</i> Houtt. ^	Manuscado	1	Inflamação uterina e nos ovários	Garrafada	Semente	Exótica
<b>Nyctaginaceae</b>						
<i>Boerhavia diffusa</i> L. ^	Pega pinto	1	Problemas nos rins	Chá	Folha	Naturalizada
<i>Mirabilis jalapa</i> L. ^	Insulina	1	Diabetes	Chá	Folha	Naturalizada
<b>Passifloraceae</b>						
<i>Passiflora alata</i> Curtis ^	Maracujá	1	Ansiedade e agitação	Chá	Folha	Nativa
<b>Phyllanthaceae</b>						
<i>Phyllanthus niruri</i> L. ^	Quebra-pedra	1	Problemas nos rins	Chá	Ramo	Nativa
<b>Plantaginaceae</b>						

Tabela 2. Cont.

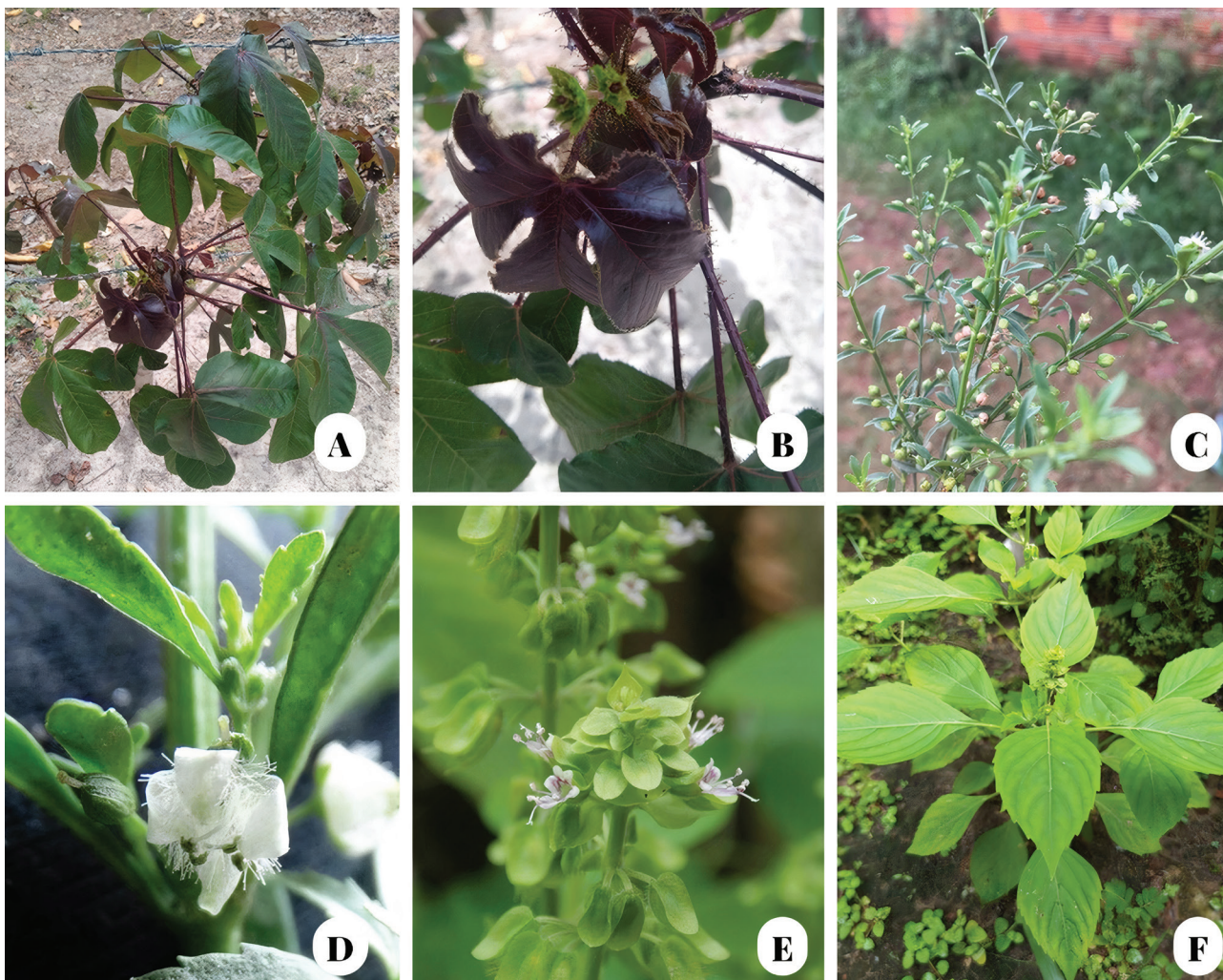
FAMÍLIA/ ESPÉCIE	NOME LOCAL	NÚMERO DE CITAÇÕES	INDICAÇÃO DE USO	FORMA DE USO	PARTE UTILIZADA	ORIGEM
<i>Scoparia dulcis</i> L. <sup>▲</sup>	Vassourinha	11	Izipela ou maldita, dor de cabeça, mau-olhado ou quebrante, dor de madre	Benzimento	Ramo	Exótica
<b>Poaceae</b>						
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf <sup>▲</sup>	Capim Limão	2	Ansiedade e agitação	Chá	Folha	Naturalizada
<b>Rubiaceae</b>						
<i>Psychotria</i> sp.* <sup>▲</sup>	Erva Santa	1	Mufina Alcoolismo	Banho Garrafada	Folha Folha	Nativa
<i>Oldenlandia corymbosa</i> L. <sup>▲</sup>	Vassourinha 2	1	Mau-olhado ou quebrante, izipela ou maldita, dor de madre	Benzimento	Ramo	Nativa
<b>Rutaceae</b>						
<i>Citrus</i> spp.	Lima	1	Ansiedade e agitação	Chá	Folha	Naturalizada
<b>Verbenaceae</b>						
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl <sup>▲</sup>	Sete dores	1	Dores leves	Chá	Folha	Nativa
<b>Ziginberaceae</b>						
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe <sup>▲</sup>	Gengibre	1	Dores nas articulações	Fricção	Raiz	Cultivada

plantas ditas mais eficientes, como o caso do pinhão-roxo (*Jatropha gossypifolia* L.) e a vassourinha (*Scoparia dulcis* L.) (Figura 2). Isso fica evidente em uma das falas: “Essas plantas, a gente encontra em qualquer lugar daqui e ela tem todo o tempo” (Benzedor, 67 anos). Isto se deve ao fato dessas espécies ocorrerem espontaneamente, serem de fácil dispersão e crescimento (Albuquerque e Lucena, 2005).

O pinhão-roxo é um arbusto e foi a única espécie mencionada por todos os benzedores, indicando a preferência por essa planta. Na região, a espécie é conhecida pela versatilidade e pode ser utilizada para benzer dor de cabeça, izipela (erisipela) ou maldita, mufina, mau-olhado ou quebrante, encosto, arca caída. Além disso, serve como um amuleto de proteção às pessoas, quando carregam suas sementes, e para o ambiente, quando plantadas ao redor da casa.

A vassourinha, uma das espécies mais citadas, é uma erva utilizada para tratar diabetes, problemas estomacais, bronquite e hipertensão (Latha e Pari, 2004). Os benzedores utilizam a planta ainda jovem para benzer contra izipela, dor de cabeça, mau-olhado, quebrante, maldita, dor de madre (Tabela 3).

Outras espécies ditas como plantas fortes foram espada-de-são-Jorge (*Sansevieria trifasciata* Prain) e lança-de-são-Jorge (*Sansevieria cylindrica* Bojer). Essas espécies pertencem a família Asparagaceae, são originárias da África e apresentam ampla distribuição no mundo, são comumente cultivadas no Brasil na frente de casas para proteção do lugar (Saraceni, 2005; Barros, 2015). Durante a pesquisa, as duas espécies foram citadas por apenas um benzedor, que destacou uma grande variedade de benzimentos associados, podendo ser usadas em banhos para espantar energias negativas.



**Figura 2.** Registros fotográficos das espécies vegetais, realizados durante visita às comunidades quilombolas de Anajatuba, Maranhão, Nordeste do Brasil. A) e B) -*Jatropha gossypifolia* L. (pinhão roxo); C) e D) *Scoparia dulcis* L. (vassourinha); E) e F) *Ocimum basilicum* L. (alfavaquinha).

Em relação às doenças tratadas como espirituais (também chamadas de mágico-religiosas), foram relatadas 10 indicações associadas a males comuns nas comunidades locais, com suas respectivas descrições; essas descrições foram elaboradas de acordo com as explicações dos benzedores (Tabela 3).

Os problemas que mais se destacaram foram mau-olhado ou quebrante (100%), seguida de izipela ou maldita (61%) e arca caída (31%). Segundo os benzedores, estes problemas exigem muita energia e plantas fortes são preferidas para os tratamentos, seja por benzeduras, banhos ou garrafadas. Estas doenças também foram destacadas em outros trabalhos realizados com especialistas religiosos, como mais

recorrentes em adultos e perigosas para a saúde (Kawa, 2012; Bitencourt *et al.*, 2014; Freitas, 2014; Silva *et al.*, 2018).

**Origem das espécies levantadas.** Em relação a origem das espécies coletadas, 33% são nativas, 23% exóticas, 23% cultivadas e 21% naturalizadas. As espécies nativas foram mais indicadas para benzimentos. De acordo com Souza *et al.* (2016), essa maior proporção de nativas ocorre por exibirem maior número de usos e preferência dos moradores locais. O autor acrescenta que essa predileção é dada pela grande disponibilidade das espécies na vegetação local e pela maior familiaridade dos benzedores com essas plantas.



**Tabela 3.** Doenças tratadas por benzimentos no município de Anajatuba, Maranhão, Brasil.

DOENÇAS	DESCRIÇÃO DAS DOENÇAS	NÚMERO DE CITAÇÕES	FREQUÊNCIA RELATIVA (%)
Izipela ou maldita	Problema na perna que fica com uns ferimentos feios e inflamados, a pele fica vermelha e a pessoa sente muita dor.	8	61%
Dor de cabeça	Dor na região da cabeça, enxaqueca.	3	23%
Alcoolismo	Quando a pessoa tem muito vício na bebida.	1	8%
Desmentido	Torção que faz deslocar o joelho ou outras partes.	2	15%
Vento virado	Quando viram a criança de mal jeito e ela começa a sentir ânsia para vomitar.	2	15%
Arca caída	Quando a costela sai do lugar por algum movimento errado ou quando pegam criança errado, causa dor no peito e dificuldade de respirar.	4	31%
Dor de madre	Dor na região da pelve que acontece quando a mulher acaba de parir ou faz algum esforço.	3	23%
Mau-olhado ou Quebrante	Quando alguém por querer algo coloca energia ruim na pessoa. Isso tranca a vida da pessoa e faz com que ela não consiga nada, se sinta cansado e sem fome.	13	100%
Mufina	Quando a pessoa está sem ânimo, fica meio cansada e sonolenta.	3	23%
Encosto	Quando a pessoa está com uma companhia ruim, um espírito.	2	15%

Também foi registrado um expressivo número de plantas exóticas, dentre elas se destacam as exóticas causais (cultivadas) e espécies naturalizadas. A inserção de espécies exóticas no repertório de grupos tradicionais pode representar um indicativo da erosão cultural, podendo essa escolha levar ao abandono de espécies nativas (Müller-Schwarze, 2006). Entende-se também que a cultura é algo flexível e que agrega elementos, ou seja, a incorporação de espécies exóticas é um processo espontâneo e pode ser resultante da mescla cultural (Abreu *et al.*, 2015).

Dessa forma, esta pesquisa, considera que as espécies exóticas são escolhidas com intuito de diversificar as possibilidades de uso e indicações terapêuticas nos sistemas médicos populares, ocupando papéis diferentes das plantas nativas (Alencar *et al.*, 2014). Logo, essas alterações demonstram a capacidade de resiliência dos saberes compartilhados pelas comunidades (Albuquerque, 2006).

#### **Partes utilizadas e formas de obtenção das espécies.**

Em relação as partes vegetais utilizadas, os benzedores destacaram o uso das folhas (com 72.58%). A preferência

pela folha é corroborada por estudos etnobotânicos realizados com para plantas medicinais e ritualísticas (Adefa, 2012; Carvalho *et al.*, 2013; Mekuanent *et al.*, 2015). Para Silva *et al.* (2018) isso ocorre porque as folhas são coletadas com maior facilidade e por sua disponibilidade temporal, já que outras estruturas vegetais, como frutos, flores e sementes não são encontradas o ano todo.

Entretanto, Marinho (2004) apontou a preferência da população por cascas, por serem estruturas sempre presentes nas espécies da área, já que as condições ambientais não favorecem a permanência das folhas, o que sugere que a escolha das partes vegetais depende das características da vegetação local.

Outras partes citadas foram: planta toda (8.06%), sementes (8.06%), flores (6.45%), e raízes (4.85%). Algumas espécies possuem mais de uma parte que pode ser utilizada. Sendo chamada pelos benzedores de “planta toda” (com exceção da raiz), caracterizando assim o uso das estruturas aéreas da planta. Estes dados corroboram com o trabalho de Gonçalves *et al.* (2018), que destacaram o uso das partes perenes e espécies perenes em maior número, como uma escolha positiva,

já que evita ameaças do ponto de vista ecológico a sobrevivência dessas plantas.

A maioria das espécies citadas são cultivadas no próprio quintal ou terreiro, ou colhidas ao redor da residência. Os quintais são mantidos por todos os benzedores por permitir acesso livre e constante às plantas mais utilizadas e de maior importância. Algumas plantas que não são encontradas na região, como as sementes de açafate (*Ferula assa-foetida* L.), pixuri (*Licaria puchury-major* (Mart.) Kosterm.) e manuscado (*Myristica fragrans* Houtt.), são compradas nas feiras livres em Anajatuba.

A compra da planta ou de partes da planta, assim como a redução dos espaços das matas, são resultados da pressão exercida pela urbanização (Pagnocca, 2017). Os quintas, então, configuram-se como espaços de resistência, contribuindo com a diversidade ecológica e a manutenção da religiosidade desses grupos (Peroni *et al.*, 2016).

## CONCLUSÃO

A cultura dos benzimentos no município de Anajatuba ainda é muito forte, sendo praticada com maior evidência nas comunidades quilombolas rurais registradas na área, que corresponde a maior parte do território. Na sede da cidade também há comunidades quilombolas, mas devido a influência da urbanização e da medicina formal, o número de benzedores é reduzido. Isto fica nítido na fala dos benzedores em áreas rurais, que afirma ter uma grande demanda para tratamento e são procurados principalmente por pessoas mais velhas e para curar crianças.

Mesmo com a imagem do benzedor muito vívida nestas comunidades, a maioria já possui uma idade avançada e relatam preocupação quanto à continuidade dessas práticas, pois não existe interesse das novas gerações. Os dados sinalizam o possível crescimento da transmissão horizontal e mudanças nos conhecimentos. E cabe ressaltar que durante o processo de transmissão tem ocorrido a fragmentação desses conhecimentos, já que, de acordo com os benzedores locais, os seus

pais conheciam um número muito maior de espécies e tratamentos.

As alterações dentro da cultura podem ser percebidas devido a inclusão de espécies não muito comuns e que ainda não possuíam registro na literatura que relatam essas práticas. Como exemplo as ornamentais, margaridinha (*Catharanthus roseus*), riscadinha (*Polyscias fruticosa*), bem-ti-vi (*Codiaeum variegatum*), pingo de ouro (*Aucuba japonica*) e herinha (*Ficus pumila*), que estão sendo citadas pela primeira vez no repertório de plantas para doenças espirituais (ou mágico-religiosas). Entretanto no ponto de vista da conservação não existem plantas catalogadas como ameaças de extinção, já que a maioria dos benzedores mantém uma fidelidade as espécies tradicionais (como o pinhão roxo e a vassourinha).

A falta de análises na área e as ameaças à cultura, à diversidade vegetal e manutenção destes sistemas de saúde tradicionais, sustentam a necessidade de políticas públicas efetivas que incentivem a cultura e a conservação dos saberes e dos recursos utilizados por estes benzedores em suas comunidades.

## AGRADECIMENTOS

A União Quilombola de Anajatuba, pelo apoio durante as pesquisas, assim como a todas as comunidades e benzedores visitados pela disponibilidade e participação no estudo. A Fundação de Amparo e Pesquisa do Maranhão (FAPEMA), pelo financiamento para pesquisa e bolsas concedidas. Ao Laboratório de Estudos Botânicos (LEB) pelo apoio técnico e a UFMA pelo espaço físico e transporte para coletas. Ao Herbário do Maranhão (MAR) pelo acesso à coleção e auxílio para identificação das espécies.

## LITERATURA CITADA

Abreu, D. B. O., F. R. Santoro, A. H., Ladio e P. M. Medeiros. 2015. Medicinal plant knowledge in a context of cultural pluralism: A case study in Northeastern Brazil. *Journal of Ethnopharmacology* 175: 124-130.

- Abreu, M. e R. Vainfas. 2001. Religiosidade, rebelião e identidade afro-baiana. *Tempo* 6(12): 255-260.
- Adefa, M. 2012. Therapeutic uses of Traditional Medicinal Plants in North Ethiopia: A case study of Tehuledere District, South Wollo, Ethiopia. *International Journal of Biomedical Research and Analysis* 3(1): 15-22. DOI: <https://doi.org/10.1186/1746-4269-2-43>
- Albuquerque, U. P., R. F. P. Lucena e N. L. Alencar. 2010. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: Albuquerque, U. P., R. F. P. Lucena e L. V. F. C. CUNHA. *Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica*. NUPEEA, Recife.
- Albuquerque, U. P., R. F. P. Lucena e E. M. F. Lins Neto. 2008. Seleção e escolha dos participantes da pesquisa. In: Albuquerque, U. P., R. F. P. Lucena e L. V. F. C. Cunha. *Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica*. 2 ed., NUPEEA, Recife.
- Albuquerque, U. P., J. M. Monteiro, M. A. Ramos e E. L. C. Amorim. 2007. Medicinal and magic plants from a public market in northeastern Brazil. *Journal of Ethnopharmacology* 110: 76-91. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jep.2006.09.010>
- Albuquerque, U. P. 2006. Re-examining hypotheses concerning the use and knowledge of medicinal plants: a study in the Caatinga vegetation of NE Brazil. *Journal of ethnobiology and ethnomedicine* 2(1): 1-10.
- Albuquerque, U. P e R. F. P. Lucena. 2005. Can appearance affect the use of plants by local people in tropical forests? *Interciência* 30(8): 506-510.
- Albuquerque, U. P. e L. H. C. Andrade. 2002. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. *Acta Botânica Brasílica* 16(3): 273-285. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-33062002000300004>
- Alencar, E. M., L. R. Cajaiba e J. S. C. Martins. 2019. Estudo etnobotânico do conhecimento e uso das plantas medicinais no município de Buriticupu, Maranhão, Brasil. *Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais* 10(6): 328-338. DOI: <https://doi.org/10.6008/CBPC2179-6858.2019.006.0028>
- Alencar, N. L., F. R. Santoro e U. P. Albuquerque. 2014. What is the role of exotic medicinal plants in local medical systems? A study from the perspective of utilitarian redundancy. *Revista Brasileira de Farmacognosia* 24(5): 506-515.
- Alexiades, M. N. e J. W. Sheldon. 1996. Collecting ethnobotanical data: An introduction to basic concepts and techniques. *Advances in Economic Botany* 10: 53-94.
- Almeida, G. S., A. S. Barbosa e M. Santana. 2016. Conhecimento e uso de plantas medicinais da cultura Afro-Brasileira pelos moradores da comunidade da Fazenda Velha no município de Jequiê-Ba. *Revista Veredas da História* 5(2): 27-39.
- Almeida Jr., E. B. 2015. Herbário do Maranhão, Maranhão (MAR). *Unisanta BioScience* 4(6): 129-132.
- Almeida, A. W. B. 2012. *Conhecimentos Tradicionais e Mobilizações Políticas: O Direito de Afirmação da Identidade de Benzedoiras e Benzedores, municípios de Rebouças e São João do Triunfo, Paraná*. Editora da Universidade do Estado do Amazonas, Manaus.
- Almeida, C. F. C. B. R., M. A. Ramos, E. L. C. Amorim e U. P. Albuquerque. 2010. A comparison of knowledge about medicinal plants for three rural communities in the semi-arid region of northeast of Brazil. *Journal of Ethnopharmacology* 127: 674-684. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jep.2009.12.005>
- APG IV. 2016. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. *Botanical Journal of the Linnean Society* 181(1): 1-20.
- Araujo, M. 1990. *Breve memória das comunidades de Alcântara*. SIOGE Serv. de Impr. e Obras Gráf. do Estado, Maranhão.
- Baldauf, C., R. R. Kubo, F. Silva e B. E. Irgan. 2009. “Ferveu, queimou o ser da erva”: conhecimentos de especialistas locais sobre plantas medicinais na região Sul do Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais* 11(3): 282-291. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-05722009000300009>.
- Barbosa, W. L. R., E. Quignard, I. C. C. Tavares, L. N. Pinto, F. Q. Oliveira e R. M. Oliveira. 2004. Manual para análise fitoquímica e cromatográfica de extratos vegetais. *Revista científica da UFPA* 4(5): 1-19.

- Barros, J. F. P. 2015. *A floresta sagrada de Ossaim: o segredo das folhas*. Pallas Editora, Rio de Janeiro.
- Barros, J. F. P. 1993. *O segredo das folhas: sistema de Classificação de Vegetais no candomblé Jêje-Nagô do Brasil*. Pallas Editora, Rio de Janeiro.
- Bernard, H. R. 1995. *Research Methods in Antropology. Qualitative and Quantitative Approachs*. 2nd ed. Walnut Creek, Altamira Press.
- Bitencourt, B. L. G., P. G. C. Lima e F. B. Barros. 2014. Comércio e uso de plantas e animais de importância mágico-religiosa e medicinal no mercado público do Guamá, Belém do Pará. *Revista FSA* 11(3): 96-158. DOI: <https://dx.doi.org/10.12819/2014.11.3.5>
- Blank, A. F., S. M. Fontes, A. S. Oliveira, M. C. Mendonça, R. Silva-Mann e M. F. Arrigoni-Blank. 2005. Produção de mudas, altura e intervalo de corte em melissa. *Horticultura Brasileira* 23(3): 780-784. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-05362005000300018>
- Brasil, Ministério da Saúde. 2006. *Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos*. Brasília, DF.
- Camargo, M. T. L. A. 1997. Contribuição ao estudo etnobotânico de plantas do gênero *Erythrina* usadas em rituais de religiões afro-brasileiras. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* 42: 179-189.
- Camargo, M. 2014. *As plantas medicinais e o sagrado: a etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil*. Ícone. São Paulo, Brasil.
- Carvalho, G. C. A., M. H. M. Ribeiro, A. C. A. M. Araújo, M. M. Barbosa, F. D.S. Oliveira e P. M. C. Albuquerque. 2016. Flora de importância polínica utilizada por *Melipona (Melikerria) fasciculata* Smith, 1854 (Hymenoptera: Apidae: Meliponini) em uma área de floresta amazônica na região da Baixada Maranhense, Brasil. *Oecologia Australis* 20(1): 58-68. DOI: [10.4257/oeco.2016.2001.05](https://doi.org/10.4257/oeco.2016.2001.05)
- Carvalho, J. S. B., J. D. L. Martins, M. C. S. Mendonça e L. D. Lima. 2013. Uso popular das plantas medicinais na comunidade da várzea, Garanhuns-PE. *Revista de Biologia e Ciências da Terra* 13(2): 58-65.
- Coutinho, A. L., R. F. P. Lucena e K. M. Bonifácio. 2018. Conhecimento e utilização de plantas mágico-religiosas por rezadeiras do semiárido da Paraíba, Nordeste do Brasil. *Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais* 9(8): 235-248. DOI: <https://doi.org/10.6008/CBPC2179-6858.2018.008.0021>
- Córdula, E. B. L. 2018. *A caiçara e o pescador: conhecimento etnobotânico local, legislação e ocupação da orla marítima no município de Lucena*, Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal da Paraíba, Paraíba.
- Costa-Neto, J. P., R. Barbieri, M. S. R. Ibañez, P. R. S. Cavalcante e N. M. Piorski. 2002. Limnologia de três ecossistemas aquáticos na Baixada Maranhense. *Boletim do Laboratório de Hidrologia* 14(1): 19-38. DOI: <https://doi.org/10.18764/>
- Cunha, M. M. C., R. S. D. Dondim, B. F. Bonfim, N. D. F. P. B. Júnior, W. A. Barroso e C. M. Vilanova. 2015. Perfil etnobotânico de plantas medicinais comercializadas em São Luís, Maranhão, Brasil. *Scientia Plena* 11(12): 1-12. DOI: <https://doi.org/10.14808/sci.plena.2015.121202>
- Custódio, E. S., P. L. Videira e M. D. J. P. Santos. 2019. As práticas culturais/religiosas afroindígenas na Amazônia. *Revista Caminhos-Revista de Ciências da Religião* 17(1): 80-95.
- Ferretti, M. 2000. *Desceu na Guma: o caboclo do Tambor de Mina em um terreiro de São Luís- A Casa Fanti-Ashanti*. Edufma- Maranhão.
- Ferretti, M. 2008. Cura e pajelança em terreiros do Maranhão (Brasil). *I Quaderni del CREAM* 8: 67-91.
- Ferretti, S. F. 2011. Comida ritual em festas de Tambor de Mina no Maranhão. *Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião* 8(21): 242-267.
- Flor, A. S. S. O. e W. L. R. Barbosa. 2015. Sabedoria popular no uso de plantas medicinais pelos moradores do bairro do sossego no distrito de Marudá, PA. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais* 7(4): 757-768. DOI: [http://dx.doi.org/10.1590/1983-084X/14\\_064](http://dx.doi.org/10.1590/1983-084X/14_064)
- Flora e Funga do Brasil. 2022. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>
- Freitas, C. L. 2014. Uso terapêutico e religioso das ervas. *Revista Caminhos* 12(1): 79-92. DOI: <http://dx.doi.org/10.18224/cam.v12i1.3032>

- Gonçalves, M. M. M., R. L. Cajaiba, W. B. Santos, E. S. Sousa, J. D. S. C. Martins, K.S. Pereira e V. A. Sousa. 2018. Estudo etnobotânico do conhecimento e uso de plantas medicinais em Santa Luzia, Maranhão, Brasil. *Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais* 9(5):12-21. DOI: <https://doi.org/10.6008/CBPC2179-6858.2018.005.0002>
- Gill, L. A. 2009. *Trajetórias de benzedores negros ao sul do Brasil. Mestrado em História e Sociologia*, Disponível em: <https://labhstc.paginas.ufsc.br/files/2013/04/Lorena-Almeida-Gill-texto.pdf>.
- Guerra, N. M., J. E. S. Ribeiro, T. K. N. Carvalho, K. M. Pedrosa, L. P. Felix e R. F. P. Lucena. 2012. Usos locais de espécies vegetais nativas em uma comunidade rural no semiárido nordestino (São Mamede, Paraíba, Brasil). *Revista BioFar* vol. esp.: 184-210.
- Hoffmann-Horochovski, M. T. 2012. Velhas benzedoiras. *Mediações: Revista de Ciências Sociais* 17(2):126-140. DOI: <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2012v17n2p126>
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010. *Censo demográfico*. IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro. Brasil.
- Kawa, N. 2012. Magic plants of Amazonia and their contribution to agrobiodiversity. *Human Organization* 71(3): 225-233. DOI: <https://doi.org/10.17730/humo.71.3.2125215484378738>
- Latha, M. e L. Pari. 2004. Effect of an aqueous extract of *Scoparia dulcis* on blood glucose, plasma insulin and some polyol pathway enzymes in experimental rat diabetes. *Brazilian Journal of Medical and Biological Research* 37: 577-586. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-879X2004000400015>
- Lopes, R. 1970. *Uma Região Tropical*. Editora FonFone Seleta, Rio de Janeiro.
- Lucena, R. F., U. P. Albuquerque, J. M. Monteiro, C. B. R. C. Fátima, A. T. Florentino e J. S. F. Ferraz. 2007. Useful plants of the semi-arid northeastern region of Brazil- a look at their conservation and sustainable use. *Environmental Monitoring and Assessment* 125(1): 281-290. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10661-006-9521-1>
- Maciel, M. e G. Guarim-Neto. 2006. Um olhar sobre as benzedoiras de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* 1(3): 61-77. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-81222006000300003>
- Mariutti, L. R. e N. B. Bragagnolo. 2007. Revisão: antioxidantes naturais da família Lamiaceae. Aplicação em produtos alimentícios. *Brazilian Journal of Food Technology* 10(2): 96-103.
- Marinho, M. G. V. 2004. *Estudos etnobotânicos de plantas medicinais em duas comunidades do sertão paraibano, nordeste do Brasil, com ênfase na atividade imunológica de *Amburana cearensis* (Leguminosae)*. (Tese de Doutorado em Produtos Naturais e Sintéticos Bioativos) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Matta, R., R. P. S. Prado e L. M. Sá. 1974. *Pesquisa Polidisciplinar "Prelazia de Pinheiro"*. V. 3, aspectos antropológicos. São Luís, IPEI.
- Meira, M. R., M. T. P. Melo, E. R. Martins, M. J. S. Pinto e C. S. Santana. 2013. Crescimento vegetativo, produção de fitomassa e de óleo essencial de *Melissa officinalis* L. sob diferentes lâminas de irrigação. *Ciência Rural* 43(5): 779-785.
- Mekuanent, T., A. Zebene e Z. Solomon. 2015. Ethnobotanical study of medicinal plants in Chilga District, Northwestern Ethiopia. *Journal of Natural Remedies* 15(2): 88-112. DOI: <https://doi.org/10.18311/jnr/2015/476>
- Momsen, J. 2004. *Gender and Development*, Translated by Zohreh Fanni (2009), Routledge. London.
- Mota, M. R. L., I. D. Lauer-Leite, J. S. Novais. 2021. Distribution of traditional ecological knowledge about medicinal plants in an Amazonian community. *Etnobiología* 19(1): 29-40.
- Mota, C. 2009. *Pajés, curadores e encantados: pajelança na Baixada Maranhense*. EDUFMA, São Luís.
- Moro, M. F., V. C. Souza, A. T. D. Oliveira-Filho, L. P. D. Queiroz, C. N. D. Fraga, M. J. N. Rodal e F. R. Martins. 2012. Alienígenas na sala: o que fazer com espécies exóticas em trabalhos de taxonomia, florística e fitossociologia? *Acta Botanica Brasilica* 26(4): 991-999.



- Müller-Schwarze, N. K. 2006. Antes and Hoy Día: plant knowledge and categorization as adaptations to life in Panama in the twenty-first century. *Economic Botany* 60(4): 321-334.
- Oliveira, F. C., U. P. Albuquerque, V. S. D. Fonseca-Kruel, N. Hanazaki. 2009a. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. *Acta Botanica Brasilica* 23(2): 590-605.
- Oliveira, E. C. S. e D. M. B. M. Trovão. 2009b. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. *Revista Brasileira de Biociências* 7(3): 245-251.
- Oliveira-Neto, A. R., M. A. Pinto, I. R. Silva, S. C. Moraes, M. L. Gomes. 2007. O uso de *Eleutherine plicata* no tratamento de doenças gastrointestinais na Amazônia paraense. In: VIII Congresso de Ecologia do Brasil. Anais. Caxambu: Departamento de Ecologia da Universidade de São Paulo.
- Pagnocca, T. S. 2017. *Uso de plantas terapêuticas em religiões afro-brasileiras na ilha de Santa Catarina*. (Dissertação do Mestrado em Biologia de Fungos, Algas e Plantas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Paiva, V. 2018. *Historicidade e identidade quilombola em Anajatuba-Maranhão*. Instituto Politécnico da Guarda - IPV.
- Passos, M. 2002. O catolicismo popular: o sagrado, a tradição, a festa. In: Passos, M. (Org.). *A festa na vida: significado e imagens*. Vozes, Petrópolis, RJ.
- Peixoto, A.L., L.C. Maia. 2013. Manual de procedimentos para herbários. *INCT-Herbário virtual para a Flora e os Fungos*. Editora Universitária UFPE, Recife.
- Perna, T. A. e A. P. N. Lamano-Ferreira, 2014. Revisão bibliométrica sobre o cultivo de plantas medicinais em quintais urbanos em diferentes regiões do Brasil (2009-2012). *Journal of Health Sciences* 16(1): 61-67. DOI: <https://doi.org/10.17921/2447-8938.2014v16n-1p%25p>
- Peroni, N., N. Hanazaki, A. Begossi, E. Zuchiwschi, V. D. Lacerda e T. M. Miranda. 2016. Homegardens in a micro-regional scale: contributions to agrobiodiversity conservation in an urban-rural context. *Ethnobiology and Conservation* 5(6): 1-17. DOI: <https://doi.org/10.15451/ec2016-8-5.6-1-17>
- Pinto, E. P. P., M. C. M. Amorozo e A. Furlan. 2006. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. *Acta Bototânica Brasilica* 20(4): 751-762. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-33062006000400001>
- Rego, M. 2009. *Os fantasmas do campo*. V. 2. Luci Artes Gráficas, Olinda.
- Reis, J. J. 2008. Domingos Sodré, um sacerdote africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX. Editora Companhia das Letras, *Revista Brasileira de História* 29(57): 211-217.
- Rocha, L. S. 2014. “Eu te benzo, eu te curo”: saberes e práticas de benzedoras de Maceió-AL. (Dissertação de Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem e Farmácia, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Alagoas, Maceió.
- Sadraei, H., A. Ghannadi e K. Malekshahi. 2003. Relaxant effect of essential oil of *Melissa officinalis* and citral on rat ileum contractions, *Fitoterapia* 74(5): 445-452. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0367-326X\(03\)00109-6](https://doi.org/10.1016/S0367-326X(03)00109-6)
- Sanguinetti, E. E. 1989. *Plantas que curam*. Rigel, Porto Alegre. 208 p.
- Santos, F. V. 2009. O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar. *Revista CPC* 8: 6-35. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i8p6-35>
- Santos-Filho, F. S., E. B. Almeida Jr. e C. J. R. S. Soares. 2013. Cocais: zona ecotonal natural ou artificial? *Revista Equador* 2(1): 02-13.
- Saraceni, R. 2005. *Tratado geral de Umbanda: compêndio simplificado de teologia de Umbanda, a religião dos mistérios de Deus:” as chaves interpretativas”*. Madras Editora, São Paulo.
- Serra, F. C. V., P. B. Lima e E. B. Almeida Jr. 2016. Species richness in restinga vegetation on the eastern Maranhão State, Northeastern Brazil. *Acta Amazonica* 46(3): 271-280. DOI: <https://doi.org/10.1590/1809-4392201504704>
- Sganzerla, C. M., A. J. Predebon, J. J. Veloso, L. B. Somensi, J. A. Lutinski e W. A. R. Junior.

2021. Aspectos socioeconômicos e culturais de benzedores que utilizam plantas medicinais em suas práticas populares de cura, no Município de Guatambu, Santa Catarina. *Research, Society and Development* 10(13): e451101321538 DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i13.21538>
- Silva, W. B., R. L. Cajaiba e M. M. Parry. 2018. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do município de Uruará, estado do Pará, Brasil. *Revista Cubana de Plantas Medicinales* 29(1): 115-131. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-05722012000200010>
- Soldati, G. T., N. Hanazaki, M. Crivos e U. P. Albuquerque. 2015. Does environmental instability favor the production and horizontal transmission of knowledge regarding medicinal plants? A study in Southeast Brazil. *PLOS ONE* 10(5): e0126389. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0126389>
- Sousa, M. P. 2013. *Estudos antropológicos e etnobotânicos das plantas utilizadas de forma medicinal e mágico-religiosa na comunidade de Quilombo de São Félix - BA*. Trabalho de Conclusão de Curso-Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas, Brasil, 58p.
- Souza, V. C. e H. Lorenzi. 2007. *Chave de identificação: para as principais famílias de angiospermas nativas e cultivadas do Brasil*. Instituto Plantarum de Estudos da Flora.
- Souza, V. C. e H. Lorenzi. 2005. Botânica sistemática: *Guia ilustrado para identificação das famílias de Angiospermas da flora brasileira, baseado em APG II*. Plantarum, Nova Odessa.
- Souza, L. F., R. F. Dias, F. A. G. Guilherme e C. P. Coelho. 2016. Plantas medicinais referenciadas por raizeiros no município de Jataí, estado de Goiás. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais* 18(2): 451-461.
- Szczepanski, M. B. 2013. *O uso popular de plantas medicinais no tratamento da ansiedade: utilizadas no Município de Galvão*. (Monografia- Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Tribuzi, B. 1981. *Formação econômica do Maranhão: Uma proposta de desenvolvimento*. FIPES, São Luís.
- Vásquez, S. P. F., M. D. Mendonça e S. D. N. Noda. 2014. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. *Acta Amazonica* 44(4): 457-472.
- WHO - World Health Organization. 2010. *Traditional Medicine Definitions*. Disponível em: [https://www.who.int/health-topics/traditional-complementary-and-integrative-medicine#tab=tab\\_1](https://www.who.int/health-topics/traditional-complementary-and-integrative-medicine#tab=tab_1)
- Zank, S. e N. Hanazaki. 2016. Healing faith: knowledge, learning and social relationships of healers from Araripe plateau, Brazil. *Ethnobiology and Conservation* 5: 1-15. DOI: <http://doi.org/10.15451/ec2016-6-5.3-1-15>